CONSUMO DE MÍDIA DIGITAL E ANALÓGICA PELOS ECOVILEIROS NO FACEBOOK

MARÃO, Marco
Estudante de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM
marcomarao@gmail.com

RORATTO FOLETTO, Laura
Estudante de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM
laura.roratto@gmail.com

Introdução

Esse artigo parte da hipótese levantada por Ronsini e Silva (2008), segundo a qual a maior proximidade de um indivíduo com a mídia televisiva massiva está associada a uma maior possibilidade de assimilação da ideologia neoliberal. Na contramão dessa lógica, despontam as ecovilas. Uma das principais bandeiras do movimento das ecovilas é a proposição de alternativas socio-comunitárias, econômicas e culturais às lógicas hegemônicas da sociedade de consumo. Embora estejam na contramão da sociedade de consumo, as ecovilas não estão isoladas de outros contextos e se utilizam ativamente dos meios de comunicação para a difusão de suas práticas. Nesse âmbito, há grupos de interação no *Facebook* voltados aos valores e práticas das ecovilas.

Cabe ressaltar que a hipótese em questão diz respeito à proximidade com os meios massivos sob a lógica da comunicação centralizada, *de um para muitos*, que se difere da lógica descentralizada da auto comunicação de massa, *de muitos para muitos* (CASTELLS, 2009). Tendo em vista essa diferenciação, os objetivos desse trabalho são: compreender em que medida os ecovileiros assimilam a lógica neoliberal associada ao consumo de televisão massiva, tendo em vista que este ainda é o meio mais potente no contexto brasileiro; descrever os usos de mídia digital e analógica entre os ecovileiros, para compreendermos se esses usos estão realmente mais situados na lógica da comunicação descentralizada. O método adotado é a observação participante, realizada no Facebook em grupos de interesse sobre ecovilas, através de buscas pela palavra-chave

ecovila na ferramenta de pesquisa da própria plataforma, bem como a aplicação de um questionário online publicado nesses grupos, através da plataforma *Formulários Google.*

1. Fundamentação teórica

A fundamentação teórica está alicerçada nos conceitos de globalização, neoliberalismo e sustentabilidade, a partir de autores como Moraes (2004), Castells (2009) e Ianni (1998). Consolidada através de representações midiáticas que reforçam a sua suposta inevitabilidade, a ideologia neoliberal tem seus efeitos na maneira como as pessoas enxergam a desregulamentação e a concentração industrial da mídia (DWYER, 2010), mascarando por uma ilusão de neutralidade os interesses do capital.

Como explica Castells (2009, p. 109, tradução livre), a Comunicação sempre foi considerada importante demais para ser assunto apenas do setor privado e, ao longo da história, tem sido um fator "crítico à asserção do controle governamental, às vezes em nome do interesse público, às vezes como expressão nua do poder estatal", ficando o mercado em segundo lugar nesse aspecto, até então.

Para Castells (2009), a relação entre capital e Estado é a razão das políticas de liberalização e desregulamentação que propiciaram o avanço do capitalismo ao redor do mundo e a formação de redes globais multimídia. De acordo com Dwyer (2010, p. 28, tradução livre), é necessário que esse processo seja analisado em termos de sua relação ideológica e de produção com o neoliberalismo, que é baseado na idéia de que “o bem social será maximizado ao trazer toda a ação humana ao domínio do mercado”.

Para Dwyer (2010), a busca incessante do neoliberalismo por tecnologias de informação e comunicação acontece porque o neoliberalismo precisa dessas tecnologias (e, junto a elas, um imenso banco de dados) para guiar suas decisões no contexto do mercado global. Portanto, a legitimação do neoliberalismo “com a expansão irrestrita dos mercados livres” está estritamente associada às novas tecnologias de informação e comunicação e às “novas práticas das indústrias culturais” (DWYER, 2010, p. 28, tradução livre). Essa "nova economia da mídia" se consolida tendo como base a lógica neoliberal, legitimada através de uma complexa construção de consenso social, guardadas as variáveis particulares a cada contexto geográfico e suas tensões e contradições específicas. Sob essa ótica, o consumo é tido como o valor absoluto a ser perseguido.

O resultado disso é um crescente divórcio entre Estado e sociedade, o que repercute na transformação do primeiro em "aparelho administrativo das estruturas mundiais de poder" (IANNI, 1998, p. 30). Trata-se de um processo economicamente assimétrico, que promove os interesses dos mercados globais em detrimento de ecossistemas e economias locais e das populações que vivem na pobreza ou que têm sua força de trabalho explorada pela máxima da concentração de riqueza.

Na contramão desse processo, o movimento das ecovilas busca estabelecer um sistema socioeconômico alternativo a tal legado insustentável, buscando "reparar a moderna separação entre pessoas e o resto da natureza, posicionando a existência humana em uma cosmologia holística enquanto, ao mesmo tempo, outorgam aos humanos a posição especial de *designers* de sistemas harmônicos" (LITFIN, 2009, p. 132, tradução nossa). Trata-se da implantação de assentamentos humanos localmente viáveis e sustentáveis, visando a promoção de mudanças fundamentais de longo prazo, em âmbito ecológico, socio-comunitário, econômico e cultural.

2. Resultados alcançados

Ao pesquisarmos pela palavra ecovila na caixa de buscas do Facebook, localizamos diversos grupos online. A partir da primeira busca, solicitamos a participação em quatro desses grupos: *Ecovila, Viver em Ecovila, Ecovilas* e *Criando Ecovilas*.

Uma vez aceitos nos grupos, compartilhamos um questionário elaborado por meio da plataforma *Formulários Google* visando compreender, em caráter exploratório, quais meios de comunicação os ecovileiros utilizam e para qual intuito. No questionário, perguntou-se: quais as mídias e conteúdos que eles mais utilizam, entre jornais, filmes e redes sociais virtuais etc.; com que frequência eles usam smartphone, notebook, computador ou tablet; como é o sinal de internet na ecovila da qual fazem parte; o que mais costumam fazer na internet; se os meios são utilizados para a promoção de algum tema de interesse das ecovilas; se há e por qual meio se dá o contato com atores externos.

Chegamos a um número de 23 informantes. Seguimos, assim, com a discussão da análise do questionário.

Em relação ao sinal de Internet nas comunidades, partíamos da hipótese de que boa parte dos informantes relatariam instabilidades caso fossem questionados a respeito,

pois muitas dessas comunidades estão situadas em lugares afastados de centros urbanos, onde o sinal de Internet é mais fraco. No questionário, os informantes podiam escolher entre 3 opções para definir a qualidade do sinal: Ótimo (sem quedas ou interrupções), Regular (funciona bem, mas com algumas interrupções) e Ruim (sinal muito fraco ou com constantes interrupções). Apenas 1 dos 23 informantes (4,3%) considera o sinal ruim e 2 deles o consideram ótimo (8,7%). A maioria dos informantes, 20 deles, portanto, relata ter um sinal regular (87%).

Ao questionarmos a respeito do conteúdo que os informantes consomem nas diferentes mídias (digitais e analógicas), com base nas respostas dos informantes, podemos inferir que os seus usos de mídia estão mais situados na lógica da comunicação descentralizada, de muitos para muitos. As atividades midiáticas dos informantes são, majoritariamente, para uso de WhatsApp, Facebook, sites na web e as plataformas de streaming Netflix e Amazon.

De acordo com a hipótese aqui apresentada anteriormente, quanto maior a proximidade com a TV aberta, mais o indivíduo assimila a ideologia neoliberal, pois esta é consolidada através de representações midiáticas direcionadas à sua aceitação pelo público massivo. O que as respostas do questionário nos demonstram é que a televisão massiva é pouco consumida entre os ecovileiros, pois somente 1 deles a escolheu como uma das três mídias mais consumidas. Diante disso, fizemos uma publicação em um dos grupos no Facebook com pergunta aberta para compreendermos a natureza da relação que os ecovileiros têm com a televisão, a fim de estabelecermos inferências que corroborem ou refutem a nossa hipótese inicial.

Poucas foram as respostas afirmativas. Na maioria dos comentários, a resposta é “não”. Eles não somente deixam de assistir à TV como, em geral, a repudiam. No mesmo post, dois usuários mencionam que não assistem a TV aberta há 13, 15 e 20 anos, respectivamente: “desculpa, mas a 13 anos não assisto programa algum de televisor”; “Faz 15 anos desde que sai da casa dos meus pais que só tenho tv pra jogar vídeo game Ou ver série.. filmes!! Aqui em casa ninguém cria nosso roteiro. Se eu quiser saber de notícias eu as leio. E assim evitamos a poluição mental que a tv nos trás!”; “Não assisto TV há 20 anos. Além da pobreza de conteúdo, a mídia forma e manipula a opinião pública de acordo com o interesse de seus clientes...”.

Alguns ecovileiros mencionam que assistem a TV apenas para fonte de

informação. Mesmo assim, um deles chega a ser desaprovado por um outro usuário: "Você quis dizer fonte de DESINFORMAÇÃO né?" (a palavra em caixa alta foi destacada pelo próprio usuário).

Diversos comentários indicam que a TV aberta traz conteúdo de "má qualidade", "cultura inútil", que é "difícil achar algo que preste" ou que "nada agrada".

Há, ainda, respostas menos taxativas, nas quais os usuários relativizam o conteúdo da televisão, mas só identificamos 4 comentários desse tipo. Dos 38 comentários registrados, pelo menos 30 são opositivos à TV massiva.

Conclusões

Partindo da hipótese levantada por Ronsini e Silva (2008), que associa a proximidade do indivíduo com a TV massiva a uma maior assimilação da lógica neoliberal, o presente artigo teve por objetivos: compreender em que medida os ecovileiros assimilam a lógica neoliberal associada ao consumo de televisão massiva, tendo em vista que este ainda é o meio mais potente no contexto brasileiro; descrever os usos de mídia digital e analógica entre os ecovileiros, para compreendermos se esses usos estão realmente mais situados na lógica da comunicação descentralizada.

Com base nos resultados da pesquisa, pudemos constatar que há, entre os ecovileiros em geral, um repúdio à TV massiva ou que, pelo menos, a sua assistência não se faz presente no cotidiano da maioria deles. Conforme descrevemos ao longo do texto, o estilo de vida praticado nas ecovilas se apresenta como uma contraposição às lógicas do neoliberalismo e da sociedade de consumo, como o consumismo exacerbado e a consequente degradação ambiental e o individualismo. O que as respostas dos usuários dos grupos de ecovilas no Facebook e do questionário aplicado nos sugerem é que as práticas midiáticas dos ecovileiros estão alinhadas aos valores que apregoam: eles consomem a mídia, aparentemente de maneira mais crítica e seletiva, e se distanciam da TV massiva, cujo consumo, de acordo com a hipótese que apresentamos, está proporcionalmente associado a uma assimilação da ideologia neoliberal.

Em relação aos usos de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), inferimos que, embora os ecovileiros valorizem o contato com a natureza, eles utilizam largamente essas tecnologias para fins diversos, como educação e entretenimento. A própria Rede Global de Ecovilas (GEN), núcleo de ecovilas espalhadas pelo mundo todo,

se utiliza da Internet e das tecnologias digitais para difundir suas práticas e consolidar uma rede global de educação sustentável (LITFIN, 2009). Resta saber até que ponto as ecovilas brasileiras se utilizam de tais tecnologias de maneira estratégica e alinhada à GEN para a sua consolidação como movimento social, visto que elas fazem parte do dia a dia dos ecovileiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, Beatriz Martins. *O fenômeno das ecovilas no Brasil contemporâneo*. 2018. 203 p. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2018.

CAPELLO, Giuliana. *Meio ambiente & ecovilas*. São Paulo: Senac, 2017.

CASTELLS, Manuel. *Communication power*. OUP Oxford, 2009

DWYER, Tim. *Media convergence*. McGraw-Hill Education. Londres, 2010.

IANNI, Octavio. Globalização e neoliberalismo. *São Paulo em perspectiva*, v. 12, n. 2, p. 27-44, 1998.

LITFIN, Karen. The global ecovillage movement as a holistic knowledge community. In: *Environmental governance***:** power and knowledge in a local-global world, p. 124-142, Routledge: 2009.

MORAES, Dênis de. A lógica do midia no sistema de poder mundial. *Revista Eptic*, n. 2, p. 16-36, 2004

RONSINI, Veneza Mayora; SILVA, Renata Córdova da. Apropriações da cultura (sem classe) da mídia. *Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 31, n. 2, p. 55-74, 2008.

SANTOS JR, S. Ecovilas e Comunidades Intencionais: ética e sustentabilidade no viver contemporâneo. In: Encontro da ANPPAS, III, 2006. Brasília**.** *Anais...* Brasília: ANPPAS, 2006.